



GUIA DE SENSIBILIZAÇÃO DE PROFESSORES

Um olhar para meninas nas
aulas de esporte, luta, dança e
na educação física escolar

Ulhiana Medeiros (autora)
José Antônio Vianna (co-autor)

SUMÁRIO

ORIGEM	1
A QUEM SE DESTINA	2
OBJETIVO	3
INTRODUÇÃO	4
ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO NO GUIA	5
SESSÃO 1: Contextualizando gênero e atividades corporais	6
ATIVIDADE 1: Compartilhando em teia	7
SESSÃO 2: Relações de gênero nas aulas	8
ATIVIDADE 2: Tem menina(o) aí?	10
SESSÃO 3: Motivos para permanência das alunas	11
ATIVIDADE 3: Planejar para manter	12
SESSÃO 4: Motivos para evasão das ex-alunas	17
ATIVIDADE 4: O diálogo é ferramenta	18
SESSÃO 5: Papel do professor	19
ESTRATÉGIAS NORTEADORAS	20
ANEXO 1 – Cartões (Jogo Situacional)	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO 1 – Cartões (Jogo Situacional)	23

ORIGEM

Este Guia tem como ponto de partida a pesquisa de mestrado intitulado “A aderência de meninas a Projetos de Inclusão Social por meio do esporte na cidade do Rio de Janeiro”.

Trata-se de um produto pedagógico desenvolvido no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do CAp/UERJ.

A QUEM SE
DESTINA



Este guia pode ser utilizado por gestores, coordenadores técnicos e pedagógicos de instituições de ensino de diferentes naturezas para capacitação de professores e professoras de Educação Física.

Também é destinado diretamente à professores e professoras de Educação Física que pretendem refletir sobre as relações de gênero estabelecidas em suas aulas e oferece alternativas de como podem gerar experiências positivas, através de um processo de ensino-aprendizagem que seja inclusivo, independentemente de gênero.

NEPE

Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

OBJETIVO

Incentivar o processo de reflexão da prática por parte dos professores e professoras de Educação Física para que estes sejam capazes de oportunizarem uma interação satisfatória entre meninas e meninos de modo que as aulas sejam momentos de celebração das diferenças, dentro de um processo de aprendizagem significativo ao grupo.

INTRODUÇÃO

A prática de atividade física traz benefícios que são reconhecidos socialmente. Para crianças e adolescentes, especificamente, a prática de esportes, lutas e dança tem potencial de contribuir na formação biopsicossocial dessa população. É importante o destaque de que essa formação integral dos indivíduos diz respeito ao olhar atento às diferentes dimensões que contemplam os quatro pilares da educação definidos pela UNESCO: “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e “aprender a conviver”.

A partir desse olhar mais global de professores e professoras em instituições voltados para a prática esportiva e corporal, como escolas e PIS (Projetos de Inclusão Social), é possível ensinar muito mais do que uma modalidade. Esta formação integral contribui no que chamamos de formação cidadã, na qual crianças e jovens, além de aprenderem técnicas e adquirirem habilidades corporais, também aprendem a organizar suas ideias a se posicionarem no mundo e se relacionar com ele.

Todos estes benefícios podem ser estimulados em qualquer espaço de formação e para qualquer público. Porém, ao falarmos de PIS, é impossível não considerarmos uma parcela da população mais vulnerável socialmente. Para esse público, os PIS parecem um Oasis no qual todos esses benefícios podem ser encontrados. Um espaço para a prática de esportes e outras manifestações corporais que contribuem para a prática do lazer, mas também, na formação de muitas crianças e adolescentes que podem praticar diversas modalidades de maneira gratuita.

Alguns estudos demonstram que, apesar de tantos benefícios que podem vir a somar a prática de esportes por crianças e adolescentes, existe um número significativo de pessoas que compõe esse público e que abandonam o mundo dos esportes, ainda na adolescência. Em pesquisa realizada em 2015 pelo Governo Federal Brasileiro, revelou-se que 19,3% dos meninos e 34,8% das meninas abandonam os esportes antes dos 15 anos de idade. Um dado preocupante, em especial entre as meninas.

Foi a partir de estudos macrossociais como este e demais estudos empíricos sobre gênero e esporte, que esse material foi desenvolvido. Com a finalidade de entender o que de fato faz com que meninas permaneçam ou abandonem a prática de esportes, lutas e danças, mesmo em espaços gratuitos. Para isso, foi desenvolvido um estudo de caso que envolveu 15 alunas e 10 ex-alunas de dois PIS na cidade do Rio de Janeiro. As meninas foram submetidas à entrevistas individuais na qual elas puderam conversar e falar abertamente sobre temas relacionados a sua permanência ou evasão e os motivos em si. Nada melhor do que partir para uma discussão sobre esse assunto, tomando como base os atores, neste caso atrizes sociais principais dessas histórias.

ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO NO GUIA

Este guia foi desenvolvido em cinco sessões. A primeira traz ao leitor uma breve contextualização teórica sobre gênero e atividades corporais. A segunda parte dá início à apresentação dos resultados sobre a pesquisa “A aderência de meninas a Projetos de Inclusão Social por meio do esporte na cidade do Rio de Janeiro” e mostra os resultados correspondentes à percepção de alunas e ex-alunas acerca das relações de gênero estabelecidas nas aulas.

A terceira parte traz os motivos para permanência das alunas nas aulas. A quarta parte apresenta os resultados sobre os motivos para evasão das ex-alunas. E, por fim, na quinta e última parte, são apresentados os resultados acerca das percepções de alunas e ex-alunas sobre suas percepções em relação ao papel de professores e professoras em aula para melhorar as relações de gênero.

Ao final de cada sessão o leitor tem acesso às estratégias desenvolvidas para que os mediadores possam aplicar junto aos participantes da formação continuada.

1. CONTEXTUALIZANDO GÊNERO E ATIVIDADES CORPORAIS

Somos submetidos às relações de gênero desde o nosso nascimento. Vivemos em uma sociedade em que o nascer homem ou mulher determina a forma como nos posicionamos e como somos vistos, antes mesmo de termos a capacidade de exprimir alguma opinião. Sexo e gênero são tratados nesta proposta como conceitos diferentes. Enquanto o sexo diz respeito ao ser biológico, o gênero diz respeito ao ser social, ao como nos reconhecemos e nos apresentamos ao mundo.

Por essa perspectiva, entendemos que gênero, portanto, é uma construção social do que é ser homem e do que é ser mulher, por exemplo. Isto é importante na nossa identificação e posicionamento sobre e no mundo, mas quando muito engessada tende a causar limitações. No esporte, por exemplo, um estudioso chamado Messner (2008) falou sobre o esporte como um “fenômeno generificador”. Com isso, o pesquisador afirmou que na nossa sociedade ocidental criamos muitos esportes ao longo dos anos, porém realizamos isso a partir do estabelecimento de estereótipos. Por exemplo, esportes que envolvam força, resistência, que sejam agressivos ou tudo isso junto, geralmente, são esportes classificados socialmente como mais masculinos. Por outro lado, esportes que priorizam a estética no movimento, a leveza e delicadeza nos gestos, tendem a ser associados socialmente como mais femininos.

Esta perspectiva de ver os esportes e demais manifestações da cultura corporal do movimento pode ser muito limitadora, em especial entre meninos que se identifiquem com modalidades que priorizam a estética no movimento, como as danças, por exemplo, e meninas que se identifiquem com esportes que envolvam força ou sejam mais agressivos, como o futebol, por exemplo. Não validar ou dificultar o acesso desses meninos e meninas nas modalidades que eles preferem para se expressar, é negar um direito que é deles.

Partindo dessa perspectiva apresentaremos a seguir a primeira parte dos resultados da pesquisa que fala sobre relações de gênero nas aulas dentro de dois PIS, a partir do ponto de vista de alunas e ex-alunas e como essas relações podem influenciar nas escolhas de permanência e evasão das aulas. As alunas puderam falar sobre cada uma das suas experiências dentro dos PIS e é importante dizer que a análise se baseou em cada uma dessas experiências, pois percebemos que para cada modalidade realizada a menina tinha percepções diferentes sobre cada assunto abordado. Os principais resultados e as discussões podem ser vistos a seguir.

ATIVIDADE: COMPARTILHANDO EM TEIA

Material: Papel, caneta e barbante

Estrutura: Roda com perguntas-geradoras

Os professores e professoras tendem a reproduzir suas experiências de vida no ambiente de suas aulas. Na maioria dos casos não existe uma reflexão sobre isso. Entendemos que esse processo de desconstrução deve se dar primeiramente de maneira individual. A estratégia “compartilhando em teia” é um incentivo para que professores e professoras possam refletir sobre seu passado e compartilhar suas experiências, para assim, perceberem quais são as interferências na sua atuação profissional.

Propomos que o mediador realize uma reflexão com os participantes sobre três tópicos: 1) Uma experiência positiva pessoal com o esporte ou prática corporal?; 2) Uma experiência negativa pessoal com o esporte ou prática corporal?; 3) Por que escolheu ser professor(a)? Os participantes podem escrever estas respostas em um papel para facilitar o compartilhamento com o grupo. Em seguida, todos ficarão em roda e uma pessoa poderá se voluntariar para começar o compartilhamento. Segurando uma ponta do rolo de barbante a pessoa poderá falar sobre suas três respostas, ao terminar, passará para uma próxima pessoa. Pouco a pouco, todos irão compartilhar suas respostas, formando uma teia com o barbante.

Reflexão sugerida ao mediador para realização com os participantes: As experiências esportivas, de luta, dança e demais práticas corporais impactam de maneira diferente as pessoas, mas podem levá-las a caminhos parecidos, neste caso, ser professor/professora. O papel do/da professor/professora se torna fundamental na qualidade desta experiência para crianças e adolescentes.

2. RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS

Neste primeiro tópico apresentamos as respostas das alunas e ex-alunas entrevistadas para o estudo de caso em relação a como elas percebem as relações de gênero nas aulas. Destacamos de antemão que as experiências mudam de acordo com o tipo de modalidade que a menina se refere. Ficou nítido que a modalidade vivenciada tem papel importante nas relações de gênero estabelecidas em aula.

Notamos quatro tipos de respostas: **Bom relacionamento, relacionamento conflituoso, não há relacionamento e não há meninos**. A resposta que obteve maior recorrência dizia respeito ao fato de haver um bom relacionamento entre meninos e meninas. Porém, alguns pontos precisam ser observados. Apesar de maior recorrência, as demais respostas somadas superam o número de experiências relatadas de bom relacionamento. Isso quer dizer que, apesar de um número significativo para esta resposta, as demais respostas apontam pontos de atenção importantes.

Nos baseamos no estudo de Mello e colaboradores (2018) e nas categorias designadas por ele para embasarmos esta primeira discussão. Os autores falam sobre cultura de gênero nos esportes e, para isso, trouxeram a percepção de universitários e universitárias de educação física sobre o que eles entendem como modalidades masculinas (associadas socialmente como sendo para homens), femininas (associadas socialmente como sendo para mulheres) e neutras (associadas socialmente como sendo para homens e mulheres)

Por exemplo, os relacionamentos conflituosos ocorreram em modalidades classificadas socialmente como masculina e neutra, como o futebol e a capoeira. As experiências sobre o fato de não haver relacionamento ocorreram na modalidade da **natação**, uma modalidade classificada socialmente como neutra. E, por fim, as modalidades classificadas socialmente como femininas apareceram em experiências sobre o bom relacionamento entre meninos e meninas e, também, em experiências em que não há meninos.

Percebemos que nos territórios em que as meninas se sentem mais à vontade, dentro daquilo que socialmente é colocado como sendo para elas, a tendência é que haja um bom relacionamento com os meninos ou, simplesmente, não haja relacionamento por falta de meninos.

2. RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS

Por outro lado, quando as alunas ocupam espaços majoritariamente masculinos, a tendência é que haja mais conflitos. E pelo que percebemos estes conflitos de gênero ocorrem, mas eles se reafirmam ou não ao longo do tempo de acordo com o nível de habilidade dela na modalidade. Percebemos que entre meninas habilidosas, existe o conflito inicial, mas caso haja evolução técnica, a menina passa a ocupar espaço de prestígio, não sofrendo mais com piadinhas e nem xingamentos por parte dos meninos. Notamos, pelas falas das alunas, o importante papel do professor ou professora nesse processo de ruptura do preconceito e das posturas hostis de meninos em relação às meninas, especialmente na modalidade do futebol.

ATIVIDADE: TEM MENINA(O) AÍ?

Material – Cartolina e caneta ponta grossa tipo “Pilot” (uso do mediador)

Estrutura – Roda com chuva-de-ideias

Ainda buscando desconstruir e sensibilizar, iniciaremos uma reflexão sobre os espaços ocupados por meninos e meninas ao longo de suas vidas. Os professores irão responder duas primeiras perguntas para sondagem do mediador: **Nas aulas de esporte, luta ou dança em que participou na infância e/ou adolescência havia mais meninos ou mais meninas?** Os professores irão compartilhar em grupo as suas respostas e o mediador poderá quantificá-las para embasar sua reflexão, com atenção às respostas dos homens e das mulheres.

Reflexão sugerida ao mediador para realização com os participantes: 1: É possível que os resultados de demais pesquisas se confirmem e as mulheres, especialmente vindas de experiências de modalidades como a dança, a Ginástica Rítmica, entre outras consideradas socialmente como femininas, falem ter praticado mais com meninas e poucos ou nenhum menino. Já entre os homens, especialmente nos esportes coletivos, é possível que tenham praticado mais com meninos e com poucas ou nenhuma menina. Nesta primeira opção sugerimos refletir sobre o “fenômeno generificador” no esporte e suas limitações na educação de meninos e meninas, pode-se também aprofundar perguntando por que eles acreditam que isto ocorria nas suas experiências individuais e como poderia ser diferente. É importante que o mediador registre essa chuva-de-ideias em um papel grande em que todos possam ver para uma análise final coletiva das respostas com o grupo.

Reflexão sugerida ao mediador para realização com os participantes: 2: Caso as respostas sejam o contrário do que a literatura aponta, ou seja, a maior parte dos professores e professoras tenham tido experiências pautadas na participação mútua de meninos e meninas no aprendizado de esportes, lutas e danças, sugerimos já partir para os questionamentos de identificação das estratégias utilizadas em aulas. Novamente, é importante que o mediador registre essa chuva-de-ideias em um papel grande em que todos possam ver para uma análise final coletiva das respostas com o grupo.

3. MOTIVOS PARA PERMANÊNCIA DAS ALUNAS

Para falarmos sobre os motivos de permanência apresentaremos primeiro as expectativas das alunas e ex-alunas antes de entrarem nos PIS. Observamos alguns padrões de respostas, porém, a que mais se destacou, tanto entre alunas quanto entre as ex-alunas foi a aprendizagem, mais de 70% das respostas apontavam para esse caminho como a principal demanda das meninas antes de entrarem para as aulas nos PIS.

A aprendizagem se manifestou de três diferentes formas. Tanto pela necessidade de autonomia, a menina que quer aprender a técnica para desempenhar no seu dia a dia, com seus amigos. O aprender para se superar e participar de festivais e torneios, ainda que de pequeno porte. E meninas que buscam a profissionalização por meio da prática esportiva e corporal, que veem na modalidade praticada uma forma de evoluir profissionalmente e ascender socialmente.

Em estudo recente os pesquisadores Vianna e Lovisolo (2018) investigaram a expectativa de participantes de projetos sociais em favelas cariocas e perceberam que a aprendizagem e a profissionalização é algo que passa pelo imaginário de crianças e adolescentes e alertam aos professores e instituições sobre a importância de dar a devida relevância a esse fator como forma de garantir fidelidade dos alunos nas aulas.

Apesar de tantas perspectivas de aprendizagem, todas elas têm em comum a evolução no esporte. E parece justo o entendimento de que a partir do momento que a menina se propõe a entrar numa modalidade, ela busque evolução. E isso precisa ser uma prioridade, também, do professor. Não apenas ensinar, mas ensinar bem.

Partindo agora para os motivos de permanência das alunas, destacamos que a aprendizagem ainda é um motivo que apareceu como importante (23,1% das respostas). Porém, a partir do momento que elas entram, percebemos que outras demandas passam a dividir espaço com a aprendizagem, como a necessidade de interação social (30,8% das respostas). Estabelecer laços com os amigos, amigas, professores e professoras, passa a ser tão importante quanto o aprender.

A partir daí, começamos a falar sobre o importante papel do professor nesse processo. Estudos como o da estudiosa de gênero e educação física, professora Helena Altmann e colaboradores (2017), observaram que o professor possui papel de garantidor de espaço seguro para a prática esportiva e corporal pelas meninas. Isso porque entre os meninos a autora destacou que eles são os principais incentivadores deles mesmos, enquanto entre as meninas essa responsabilidade se dirige, em grande parte, para a figura do professor em espaços institucionalizados, como as escolas e, no nosso caso, dentro das Vilas Olímpicas. Ou seja, as meninas esperam e demandam essa postura mais ativa por parte de professores e professoras nas aulas, mais do que os meninos.

ATIVIDADE: PLANEJAR PARA MANTER

Material – Cartolina e caneta ponta grossa tipo “Pilot” (uso do mediador)

Estrutura – Roda com chuva-de-ideia + Apresentação de documentos de planejamento

Hora de começar a agir! É fundamental que os professores tenham acesso às informações sobre a importância de saberem sobre as demandas de seus alunos e alunas e, também, como avaliar se estão sendo correspondidas ou não. Para isso, propomos um espaço de reflexão sobre a importância do planejamento de aula.

Sugerimos iniciar propondo algumas reflexões: 1) Você conhece as demandas dos seus alunos e alunas ?; 2) Você registra as demandas dos seus alunos e alunas; 3) Como você contempla as demandas dos seus alunos e alunas no seu planejamento de aula?

Reflexão sugerida: A proposta inicial é sondar se esse ponto é contemplado no planejamento de aula dos professores e se eles entendem a relevância disso para a qualidade de suas aulas. O mediador poderá registrar tudo em uma cartolina para que todos possam ver e para a realização de uma conclusão coletiva dessa chuva-de-ideias.

Após esse primeiro momento propomos a apresentação de dois documentos de utilização nas aulas dos professores e professoras para levantamento das demandas individuais e coletivas da turma.

DOCUMENTO 1: LEVANTAMENTO DAS DEMANDAS INDIVIDUAIS

A proposta inicial é que o professor tenha um documento de registro das demandas de cada um dos alunos. Este documento pode ser utilizado como diagnóstico, em caso de primeiro contato do(a) professor(a) com uma turma e, também, ao início de todo novo ciclo de aprendizagem de uma modalidade ou conteúdo.

Através deste documento os professores e professoras poderão ter um parâmetro geral da turma, para saber quais as convergências e divergências das demandas em relação à modalidade ou conteúdo que será proposto.

É importante alertar que este levantamento das demandas individuais poderá ser feito da forma como o professor ou professora preferirem. Por exemplo, retirar uma aula inteira para isso, fragmentar perguntando para grupos pequenos na aula ou pedir para os alunos responderem em momento extra aula e dar resposta para eles organizarem depois. Irá depender daquilo que o professor entende ser mais eficaz para cada grupo.

DOCUMENTO 2: LEVANTAMENTO DAS DEMANDAS DA TURMA

Professor (a):					
Turma:					
Modalidade/Conteúdo:					
Objetivos (com base nas demandas)	Estratégias	Avaliação	Cumpriu?		
			Sim	Parcialmente	Não

Tendo o levantamento individual em mãos, sugerimos outro modelo de documento para que o professor ou professora possa organizar as demandas da turma no dia a dia de aula.

Com este segundo documento os professores podem registrar seus objetivos baseados nas demandas da turma, traçar as estratégias para alcançar esses objetivos e registrar estratégias de avaliação para saber se as demandas foram atendidas ou não ao final de um ciclo de aprendizagem.

DOCUMENTO 2: LEVANTAMENTO DAS DEMANDAS DA TURMA

Este é um documento que poderá acompanhar o professor ou professora em todas as suas aulas. Com ele será possível saber se as demandas estão sendo minimamente contempladas ou não. É importante frisar que este “Documento 2” deve conter as demandas dos alunos, bem como, aquilo que o professor percebe ser importante trabalhar com cada uma das turmas, mesmo que não seja uma demanda levantada pelos alunos e alunas especificamente. O alinhamento dessas ações e os possíveis resultados podem e devem ser debatidos com a turma constantemente, sempre que necessário.

Estes dois documentos juntos podem nortear os professores na elaboração de aulas mais significativas para os alunos e alunas, promovendo mais diálogo e envolvimento deles no processo de construção da aula e na aprendizagem.

4. MOTIVOS PARA EVASÃO DAS EX-ALUNAS

Sobre os motivos para evasão das ex-alunas, destacamos que eles foram diversos. A pesquisa foi realizada em dois PIS e enquanto entre as alunas de um PIS houve maior consenso, no outro, houve muita divergência. No PIS que houve consenso a principal resposta, com recorrência de 60%, dizia respeito à **necessidade de estudar e/ou trabalhar**. Vale ressaltar a média de idade entre as alunas nesse PIS que era de aproximadamente 18 anos de idade, o que consideramos ser importante para analisar as preocupações e prioridades típicas dessa idade.

Por outro lado, no PIS em que pode ser observado grande divergência nas respostas das ex-alunas, a idade média era menor, de aproximadamente 15 anos. Nenhuma das entrevistadas relatou ter saído por motivos de estudo e/ou trabalho, elas falaram sobre: **motivos didático** (40% das respostas), aulas que não eram mais significativas e pouco estimulantes; **muitas interrupções nas aulas** (40% das respostas) por longos períodos de tempo, gerando descontinuidade no trabalho e desestímulo; **não ter ninguém para levar** (10% das respostas), maior dependência dos responsáveis; **vergonha do maiô da natação** (10% das respostas).

Todas as respostas apresentadas indicam questões importantes. A primeira delas é que a fase de vida que a menina está interfere diretamente com a sua relação com as aulas esportivas e corporais. As meninas mais velhas nessa pesquisa precisaram dividir o tempo no PIS com a escola, curso preparatório e/ou trabalho. Para elas, imaginamos que readaptar os horários, dando mais de uma alternativa é fundamental para garantir sua permanência e, claro, perguntar à elas o que lhes interessa e lhes motiva a permanecer é um caminho importante a percorrer para fazê-las retornar e manter aquelas que ainda permanecem dessa faixa-etária.

Entre as mais novas a principal preocupação está também em perguntar o que lhes motiva, porém, o professor tem maior autonomia em relação a isso. Deve partir dele perguntar para as alunas e construir com elas uma aula mais significativa, que seja um espaço seguro para a menina se expressar, se arriscar e aprender.

O contato com a família também é algo importante, tendo em vista que elas são mais dependentes dos responsáveis do que as mais velhas, reaproximar a família através de reuniões, conversar sempre que necessário, buscar apoio neles e, até mesmo, promover aulas em horários similares, faz com que os responsáveis frequentem a Vila Olímpica não apenas para levar a menina, como também, para praticar alguma atividade, envolvendo-os ainda mais.

ATIVIDADE: O DIÁLOGO É A FERRAMENTA

Material - Cartolina e caneta ponta grossa tipo “Pilot” (uso do mediador)

Estrutura – Roda com chuva-de-ideias + Jogo Situacional (cartões)

Do mesmo modo que nos motivos para permanência o diálogo pautou as possibilidades de permanência, entendemos que é à partir dele que as possibilidades de evasão podem ser minimizadas. Para esse momento sugerimos uma primeira reflexão através de pergunta-geradora: O que vocês percebem que faz as meninas saírem da sua aula?

Reflexão sugerida: Nesse primeiro momento é importante fazer os professores e professoras refletirem sobre os motivos de evasão e/ou exclusão e/ou auto-exclusão de meninas em suas aulas. Todos os motivos percebidos devem ser anotados pelo mediador em uma cartolina grande para que todos vejam e seja possível fazer uma análise coletiva das respostas.

A partir dessa primeira reflexão os professores e professoras serão convidados para um jogo situacional em que, divididos em grupos, serão desafiados a propor soluções a situações fictícias mas que podem ocorrer em aula. Será um jogo de carta e a cada rodada um grupo se deparará com uma situação, eles devem responder solucionando o desafio da carta. A proposta é fazer com que os professores e professoras possam refletir e agir coletivamente diante de uma situação-problema que envolva a questão de relações de gênero nas aulas. **(As cartas se encontram no ANEXO 1 deste documento)**

5. PAPEL DO PROFESSOR

Identificamos que as meninas depositam nos professores e professoras uma responsabilidade grande para incentivá-las nas aulas e mediar conflitos. Essas duas figuras apareceram no relato das alunas e ex-alunas, o professor-incentivador e o professor-mediador. As alunas falaram destes papéis de duas formas diferentes, através de estratégias e através de abordagens.

Nas estratégias as alunas, literalmente, falaram de ações que os professores e professoras faziam ou deveriam fazer, como criar atividades em grupo em que haja a mesma quantidade de menino e de menina por grupo ou realizar rodas de conversa para abordar os temas que envolvam gênero e/ou conflitos das aulas. Nas abordagens, as meninas falaram sobre como o professor se comportava ou deveria se comportar em relação ao exemplo que ele é para os alunos, especialmente os meninos quando um professor homem. Sobre como era ou deveria ser o tratamento com a turma ou com meninos e meninas separadamente.

Todas as respostas caminhavam em uma mesma direção, no fato da necessidade que elas tinham de serem ouvidas. Relatando com felicidade e entusiasmo quando isso era algo que acontecia e reivindicando esse direito quando era algo que não fazia parte do dia a dia de aula delas.

Selecionamos algumas estratégias norteadoras que consideramos ser importante passar para os professores e professoras. Estas estratégias tiveram como base as respostas das alunas e ex-alunas entrevistadas no estudo de caso e, também, nos achados de estudos anteriores. Estas estratégias foram elaboradas com base na figura do professor-mediador e do professor-incentivador:

ESTRATÉGIAS NORTEADORAS

1) Rodas de conversa: Oportunizar momentos em que todos da turma tem a chance de se olhar e dialogar ajuda na construção de identificação com o grupo, minimizando e evitando conflitos de aula;

2) Acordos com o grupo: Quando a turma é encorajada a estabelecer seus próprios objetivos e são criados acordos a partir disso, é muito mais fácil e natural o envolvimento na aula e com o que se pretende alcançar com ela. Afinal, eles não só têm que concordar, como também, elaboram suas próprias regras e objetivos, tudo fica mais significativo e empolgante;

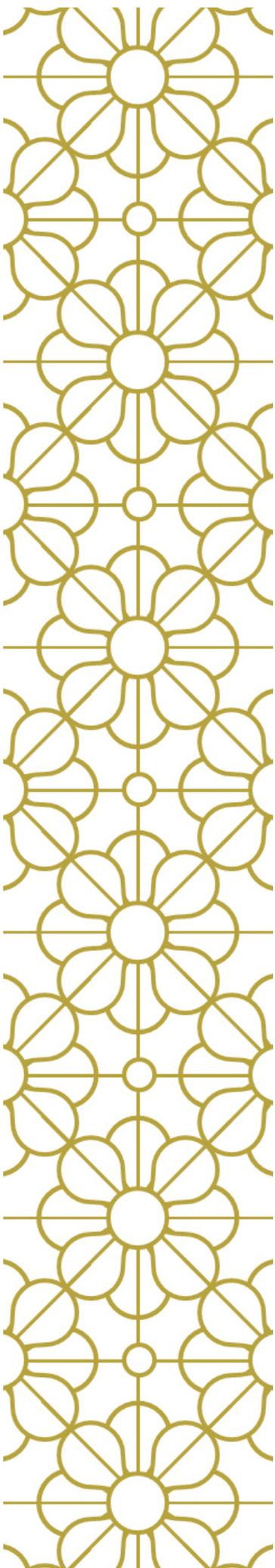
3) Erros geram aprendizado: Ainda que você saiba a resposta, deixar que os alunos tomem suas próprias decisões, ainda que você não a eleja como a melhor, é fundamental para a formação deles. De todo erro é possível extrair um aprendizado, e todo aprendizado oriundo de um erro se torna mais significativo e marcante;

4) Comemore com os alunos e alunas: Demonstre empolgação não somente quando fazem um gol ou marcam um ponto. Isso é muito importante, mas comemorar os detalhes podem fazer toda a diferença, em especial entre os alunos que possuem maior dificuldade técnica, mas se destacam por outros aspectos, como ter atitudes de liderança e de respeito ao próximo, por exemplo;

5) Promova o “se arriscar”!: Essa dica serve, assim como as demais, tanto para meninos como para meninas. Mas gostaria de chamar atenção especial para as meninas. É mais comum vermos meninos se arriscando mais, se permitindo errar mais, enquanto as meninas evitam esses tipos de situação. É importante que os professores e professoras incentivem atos de bravura também e principalmente entre as meninas. Atitudes de incentivo à atos de bravura reafirmam para os alunos e alunas que eles são capazes, que podem se arriscar e tudo bem cometer erros e que você estará lá para incentivá-los. É um meio eficaz de quebrar o processo de exclusão e auto-exclusão de meninas nas aulas;

CONCLUSÃO

Esperamos que o desenvolvimento deste conteúdo através das estratégias sugeridas por este Guia possam ajudar na conscientização e sensibilização dos professores e professoras de Educação Física. De modo que seja possível gerar uma reflexão sobre as suas práticas de aula capazes de impactar diretamente no olhar deles para seus alunos e alunas. Em uma perspectiva de relações de gênero que gere respeito e aprendizado por/entre TODOS.



ALTMANN, H. et al. **Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos.** *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis. v.1, n. 26, 2017.

BRASIL. Ministério do Esporte. **A prática de esporte no Brasil.** Brasília, 2015.

MELLO, G.F et al. **Cultura de gênero (CG) dos esportes no Brasil a partir do entendimento de universitários.** *Revista brasileira de Ciência e Movimento*, v. 26, n. 4, 2018, p.124-132.

MESSNER, M. **Boyhood, organized sports, and the construction of masculinities.** In: NEWMAN, D.M; O'BRIAN, J. *Sociology: Exploring the architecture of everyday life readings*. USA: Pine Forge Press, 2008, p.87-98.

UNESCO. **Um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** Brasília. 2010.

VIANNA, J.A; LOVISOLO, H.R. **Sports: The Expectation of Children and Young Practitioners in the Favela.** *Journal of Physical Education and Sports Management*. v. 5, n. 1, p. 22-29, jun., 2018.

REFERÊNCIAS

ANEXO 1: CARTÕES (JOGO SITUACIONAL)

<p>HOJE A AULA É NA MODALIDADE LUTAS...CRIE UMA ESTRATÉGIA PARA QUE MENINOS E MENINAS POSSAM PARTICIPAR JUNTOS.</p>	<p>FUTEBOL É COISA DE MENINO, PROFESSOR!!! NÓS NÃO VAMOS JOGAR COM AS MENINAS!!! E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃOEM POR UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA DE ENSINO?</p>	<p>MONTE UM JOGO RÁPIDO DE NO MÁXIMO 5 MINUTOS QUE FAVOREÇA A PARTICIPAÇÃO DOS DIFERENTES GÊNEROS NO FUTEBOL.</p>	<p>PEÇA PARA OUTRO GRUPO CRIAR UMA PRÁTICA INCLUSIVA PARA OS DIFERENTES GÊNEROS NA MODALIDADE DANÇA.</p>
<p>COM BASE NAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COMO PROFESSORES, CONVERSEM SOBRE OS DESAFIOS DE INCLUIR MENINOS E MENINAS EM UM MESMO JOGO/ATIVIDADE DE AULA. O QUE PODE CARACTERIZAR UM MÉTODO QUE PRIORIZA A INCLUSÃO DOS DIFERENTES GÊNEROS EM UMA AULA?</p>	<p>HOJE A AULA É DE GINÁSTICA ARTÍSTICA. AS MENINAS SE ANIMARAM, MAS OS MENINOS FALARAM QUE NÃO LEVAM JEITO. COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃO DE MODO QUE TODOS CONSIGAM PARTICIPAR.</p>	<p>PROFESSOR, O NOSSO TIME PERDEU POR CAUSA DA MARIA. ELA NÃO JOGA BEM!!! NA MINHA OPINIÃO ELA NÃOPODE MAIS PARTICIPAR DOS CAMPEONATOS, SENÃO VAMOS PERDER TODAS. E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃO DE MODO QUE HAJA A INCLUSÃO DE TODOS NO ESPORTE.</p>	<p>PROFESSOR, NÃO QUERO JOGAR RUGBY COM OS MENINOS, TENHO MEDO DE ME MACHUCAR!! ELES SÃO MUITO BRUTOS!! E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESSA SITUAÇÃO DE MODO QUE TODOS POSSAM JOGAR JUNTOS SEM SE PREOCUPAR COM RISCOS ALÉM DO QUE O ESPORTE JÁ EXIGE NATURALMENTE</p>

ANEXO 1: CONTINUAÇÃO

<p>PROFESSOR, NÃO QUERO ME APRESENTAR NA DANÇA! ISSO NÃO É COISA DE HOMEM!! E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESSA SITUAÇÃO DE MODO QUE OS MENINOS SE ENVOLVAM NA COREOGRAFIA?</p>	<p>HOJE É DIA DE AULA DE NATAÇÃO. PROFESSORA, TENHO VERGONHA DE USAR O MAIÔ NA FRENTE DOS MENINOS. E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃO DE MODO QUE A MENINA NÃO SE SINTA CONSTRANGIDA EM FAZER A AULA?</p>	<p>PROFESSOR, NÃO QUERO FAZER A AULA, TEM MUITA GENTE DE FORA OLHANDO. E AGORA, QUE MEDIDAS DE PROTEÇÃO VOCÊ PODE TOMAR PARA QUE AS MENINAS TENHAM UM ESPAÇO SEGURO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA?</p>	<p>É AULA DE BASQUETE E O PROFESSOR DIVIDE OS TIMES DE FORMA MISTA. ATÉ QUE UM MENINO FALA...NÃO QUERO FAZER TIME COM ELA!!! ELA NÃO SABE JOGAR!!! COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃO DE MODO QUE TODOS PARTICIPEM DOS JOGOS.</p>
<p>PROFESSOR, NÃO QUERO FAZER PAR COM ELE NA DANÇA, ELE É MUITO RUIM!!! COMO ENCAMINHAR ESSA SITUAÇÃO DE MODO QUE TODOS OS ALUNOS SEJAM INCLUÍDOS NA COREOGRAFIA?</p>	<p>PROFESSOR, NÃO TEM COMO FAZER MENINO CONTRA MENINA? E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESSA SITUAÇÃO DE MODO QUE A RIVALIDADE DE GÊNEROS NÃO PREVALEÇA.</p>	<p>VOCÊ TEM CONTATO PELA PRIMEIRA VEZ COM UMA TURMA E PERCEBE QUE MENINOS E MENINAS ESTÃO ACOSTUMADOS A FAZER PANELINHAS (MENINOS X MENINAS). COMO QUEBRAR ESSA DINÂMICA NA AULA?</p>	<p>UMA MENINA RECEBE UMA BOLADA NA BARRIGA E FALA: NUNCA MAIS QUERO JOGAR FUTEBOL NA MINHA VIDA! E AGORA, COMO ENCAMINHAR ESTA SITUAÇÃO DE MODO QUE A MENINA PERCA O TRAUMA E PARTICIPE DAS AULAS.</p>